

Chega ao fim terror das notas vermelhas

Escolas de Brasília e Porto Alegre inovam na avaliação dos alunos e trocam boletins tradicionais por diagnóstico de desempenho

Acada final de ano, estudantes e pais aguardam ansiosos o boletim cheio de notas ou conceitos. Um cartão repleto de números vermelhos pode ser o fim das férias e meses de aborrecimentos em casa. Boas notas podem valer até um presente. Mas essa tortura está com os dias contados. Novas teorias de avaliação escolar decretaram o fim dos graus e conceitos para classificar os bons e maus alunos.

“A nova escola, de qualidade, não avalia mais para reprovar, para separar os bons e os maus alunos”, explica Cosete Ramos, especialista em Qualidade em Educação. “A escola agora avalia para diagnosticar o que o aluno aprendeu e o que ainda falta fazer.”

As provas e testes de final de bimestre cedem lugar a trabalhos feitos durante todo o ano. O boletim é transformado em um relatório sobre o desempenho do aluno. Tudo o que ele sabe — sobre o conteúdo, relacionamento com os colegas, ética, etc. — está descrito ali. As mudanças não são apenas mera modernidade. Elas pretendem que se faça uma avaliação mais realista do aluno.

“O momento da prova não consegue representar o que o estudante realmente sabe. Naquela hora ele pode estar doente ou sob muita pressão”, exemplifica Maria Luísa Sampaio Lima, coordenadora-geral da escola Criarte, de Brasília, que já começou a adotar as mudanças na avaliação com as crianças da pré-escola.

Qualquer um que já enfrentou uma folha de prova cheia de exercícios sabe que tudo o que se aprendeu pode sumir em segundos. Há até explicação científica. Segundo um estudo da Universidade da Califórnia, em momentos de grande estresse a mente libera um hormônio que pode bloquear a memória.

Segundo o novo método, o “branco” a que os alunos estão sujeitos não tem porque aparecer. As crianças nem mesmo sabem que estão sendo avaliadas, porque cada uma das atividades desenvolvidas no dia-a-dia da escola vale para o relatório final. Na avaliação, são levados em conta vários aspectos do desenvolvimento, além do conteúdo: a capacidade de aprender, de dividir, a interação social, a maturidade, entre outros aspectos.

“A escola não pode mais cobrar apenas o conteúdo, porque a sociedade quer indivíduos com capacidade de interagir socialmente, com espírito de liderança, e várias outras facetas que também devem ser desenvolvidas na escola”, diz Cosete Ramos. Para que os professores possam medir isso, as atividades têm que ir além dos simples testes de matéria.

Os professores passam a usar cada uma das apresentações dos alunos como avaliação. São redações,

relatórios, peças de teatro, entrevistas, exercícios, trabalhos de pesquisa e qualquer outra atividade desenvolvida na sala de aula ou em casa. Cada uma delas irá transmitir alguma coisa que o professor anotar para colocar na sua avaliação.

DIAGNÓSTICO

O boletim do bimestre ou do trimestre deixa de ser um amontoado de notas e conceitos para dar lugar a um diagnóstico do aluno. Ali, os professores colocam o que o estudante aprendeu e o que falta aprender, seus pontos fortes — tanto nos conteúdos quanto na parte psicológica e social da vida na escola — e pontos fracos, o que ainda tem que ser melhorado. “O boletim deixa de exibir os defeitos e coloca também o que o aluno tem de bom”, afirma Cosete.

O novo tipo de avaliação traz também mudanças na estrutura da escola. Se o que se faz é um diagnóstico dos problemas que o estudante vêm enfrentando, é mais fácil encontrar formas de ajudá-lo. Antes que ele tenha que repetir o ano.

Na Escola Municipal Laura Rodrigues, em Porto Alegre (RS), os relatórios servem de alerta sobre os pontos que precisam ser melhor trabalhados. “Depois de analisarmos o progresso dos alunos, nós vemos se ele tem que ser encaminhado para algum tipo de reforço ou se precisa de algum trabalho especial”, explica Luciane Viegas, supervisora da escola.

A escola criou um laboratório pedagógico. Os estudantes que estão com dificuldades em alguma matéria são encaminhados para lá. São atendidos por professores dedicados exclusivamente a ensinar a quem não conseguiu aprender pelos métodos tradicionais. “Usados outros tipos de exercícios, computadores, jogos e o que mais o estudante precisar. O que importa é encontrar uma forma para fazê-lo aprender”, diz a supervisora.

Isso pode ser feito em qualquer época do ano, e não necessariamente no final do bimestre. Se o professor notar que um determinado aluno está com dificuldades na sua matéria, pode pedir que receba um reforço extra.

No boletim bimestral que os pais e alunos recebem consta todo o trabalho que está sendo feito, os pontos em que o estudante evoluiu, o que precisa melhorar, os melhores trabalhos que ele fez e até mesmo uma avaliação feita pelos pais. “Durante as reuniões de pais e professores eles avaliam os progressos de seu filho, e isso é colocado na pasta do aluno”, explica Luciane.

A pasta ocupa o lugar do tradicional boletim. É o que os especialistas em educação estão chamando de portfólio. Em vez de ter uma sequência de notas, guarda um perfil do estudante. Pais ou profes-

sores que quiserem acompanhar seu desenvolvimento terão ali um retrato fiel.

PROBLEMAS

Mas as mudanças não são fáceis de ser absorvidas. Poucas escolas até hoje estão adotando as modificações nas avaliações e boletins. As resistências começam com os próprios pais e professores.

Na escola Laura Rodrigues, a mudança foi adotada depois que todos os professores se convence-

ram da importância de alterar os métodos de avaliação. “Não adianta vir de cima para baixo, as pessoas têm que estar convencidas da necessidade de mudar”, diz Luciane Viegas.

Só assim a escola pôde lidar com a resistência dos pais dos alunos. Em muitos casos com dificuldades para ler e escrever, pais e mães achavam mais fácil entender as notas. Aos poucos, por meio de reuniões onde os pais também avaliavam o desenvolvimento dos filhos,

os professores foram convencendo-os a aceitar o novo sistema.

Na Criarte, escola particular, a coordenação decidiu adotar o programa a partir da pré-escola. Os pais dos pequenos alunos recebem, a cada dois meses, relatórios onde a evolução de seus filhos é descrita. A medida que os alunos forem crescendo, o método deve ser estendido aos demais níveis da escola.

No ensino fundamental — 1ª a 8ª série —, o processo ainda está pela metade. Foram abolidas as provas

de final de bimestre, e a avaliação passou a ser feita no dia-a-dia. Mas ainda são dados conceitos. “Os pais estão acostumados a medir o que seus filhos aprenderam a partir dos conceitos, então torna-se complicado uma mudança repentina”, diz a coordenadora Maria Luísa.

Como toda mudança, o fim das notas não vai chegar na mesma velocidade a todas as escolas. Mas, aos poucos, com a influência de pais, alunos e professores, o antigo boletim deve virar peça de museu.

Arte: Kacio

